



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo sobre as eleições presidenciais

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



AZERBAIJÃO

Reeleição com transparência

Observadores internacionais elogiam a organização do pleito presidencial. O **Correio** acompanhou a votação no território de Nagorno-Karabakh, palco recente de conflitos. Ilham Aliyev foi reeleito para sete anos

» ROBERTO FONSECA
ENVIADO ESPECIAL

Baku — “Nós visitamos 15 seções em três áreas distintas. Eu observei que a transparência é muito grande, em um processo voluntário. Vimos uma fiscalização muito ampla, muito organizada, muito segura.” O relato do senador Carlos Viana (Podemos-MG) resume como a eleição presidencial no Azerbaijão, realizada ontem, terminou vista pela comunidade internacional. Ao todo, 790 observadores de distintos países acompanharam o processo — o primeiro que envolveu todo o país, após o fim da guerra de décadas na região de Nagorno-Karabakh. A apuração parcial aponta que o presidente Ilham Aliyev, 62 anos, foi reeleito para mais um mandato de sete anos com mais de 90% dos votos. As pesquisas de boca de urna indicavam que Aliyev teria 93,9% dos votos. Outros seis candidatos participaram do processo eleitoral.

O **Correio** acompanhou a votação em duas cidades. Em Fuzuli, um dos territórios liberados com o fim do conflito com separatistas armênios, a fila de espera para votar demorava de 40 a 45 minutos. A maioria era formada por homens, afinal, trata-se de uma área em reconstrução, habitada basicamente por operários. Depois de fazer a identificação, com a coleta manual da impressão digital, o eleitor recebia a cédula impressa e dirigia-se à cabine. Em seguida, depositava o voto em qualquer umas das duas urnas — não há distinção entre elas, são separadas para tornar o processo de votação e apuração mais célere.

Cenário parecido ocorria em Susha, cidade-símbolo do povo armênio. Os prédios de seis andares em construção, que devem ser entregues até o fim do ano, sinalizavam que a população tinha o mesmo perfil de Fuzuli: em sua

Roberto Fonseca/CB/D.A.Press



Entrada da seção eleitoral de Susha, umas das cidades liberadas dos separatistas armênios com o fim da guerra de Nagorno-Karabakh

Presidência do Azerbaijão/AFP



O presidente Ilham Aliyev deposita a cédula eleitoral em Khankendi

maioria, operários. Com um número três vezes menor de habitantes, a fila andava mais rápido. Os eleitores levavam de cinco a 10 minutos, dependendo da sazonalidade do horário.

Nas duas cidades liberadas, observadores turcos acompanharam o processo de votação. “Acreditamos que, no Azerbaijão, que é um

país democrático, as eleições serão realizadas de forma profissional e transparente”, afirmou Osman Mastan, presidente da Comissão de Relações Internacionais e Direito da Assembleia Parlamentar dos Estados Turcos. A Turquia é um dos principais aliados do Azerbaijão na região. “Dois Estados, uma nação” é um ditado popular

muito comum no Cáucaso, sobre a relação entre os dois países.

O resultado oficial da eleição deve sair amanhã. É o tempo estimado para a contagem de todos os votos — o processo é manual. “Nós observamos que, logo cedo, nas mesas que monitoramos, as pessoas vieram votar com muito entusiasmo. Acredito que esta é mais uma prova de que a população quer contribuir para o futuro do país, com a sua participação ativa”, disse Naike Gruppioni, integrante do Parlamento italiano que atuou como observador do processo eleitoral.

Comparecimento

De acordo com Mazakhir Panakhov, chefe da Comissão Eleitoral Central, 67,7% dos eleitores foram às urnas. No Azerbaijão, o voto não é obrigatório. A nação está no centro dos olhares do mundo. Em novembro, o país vai sediar a COP29

— a cúpula do clima da Organização das Nações Unidas (ONU). Depois da COP28, realizada em Dubai, que sinalizou para a “eliminação gradual” do uso de combustíveis fósseis em todo mundo, o encontro, em Baku, deve apontar de onde virá o dinheiro para financiar a transição energética.

Em 2025, será a vez do Brasil receber a discussão ambiental, com a COP30, em Belém. A expectativa do Itamaraty é de que, no fim do próximo ano, o debate se concentre, efetivamente, na mudança da matriz energética. Por isso, o Azerbaijão ganha atenção especial. Com uma economia altamente concentrada na exploração do petróleo e do gás natural, o que trouxe muita riqueza e investimentos nas últimas duas décadas, o país é um bom exemplo sobre como enfrentar a prometida transição energética.

O repórter viajou a convite do governo do Azerbaijão

ORIENTE MÉDIO

Said Khatib/AFP



Palestino ferido observa a destruição em Rafah

Netanyahu rejeita plano de trégua do Hamas

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, rejeitou, ontem, a proposta de trégua apresentada pelo movimento extremista islâmico Hamas. Nela, haveria um cessar-fogo de 135 dias e a troca de reféns capturados em 7 de outubro por prisioneiros palestinos mantidos em Israel. O plano contemplaria três fases, cada uma com duração de 45 dias.

Na primeira etapa, idosos, mulheres, crianças e jovens com menos de 19 anos mantidos nas prisões pelo governo israelense seriam libertados. Em troca, o Hamas soltaria reféns nas mesmas categorias, à exceção de militares. Também ganhariam a liberdade 1,5 mil de um total de 8 mil palestinos encarcerados em Israel.

“Render-se às exigências delirantes do Hamas não apenas traria a liberdade dos reféns, mas seria um convite a um massacre adicional; seria um convite a um desastre que nenhum cidadão israelense deseja”, advertiu Netanyahu. O premiê admitiu que uma vitória na Faixa de Gaza estava “dentro do alcance”. “Não existe alternativa para o colapso militar do Hamas. Não haverá um colapso civil (do governo do Hamas) sem o militar”, avaliou Netanyahu.

Apesar da negativa do primeiro-ministro de Israel, o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken, avaliou, em Tel Aviv, que ainda há “margem para um acordo” com o movimento islamista palestino Hamas sobre os reféns em Gaza.

Blinken disse ter advertido Netanyahu contra qualquer ação que “exacerba as tensões” e pediu a Israel que leve em conta “primeiro” os civis em caso de uma operação em Rafah. A reação ocorre no momento em que o premiê organiza uma nova ofensiva.

Rafah

A pressão por um cessar-fogo aumentou quando as forças israelenses avançaram em direção a Rafah, ao sul da Faixa de Gaza, na fronteira com o Egito, onde mais da metade da população do pequeno território palestino se refugiou. As imagens de destruição e desolação predominam no cotidiano da região.

O premiê ordenou ao Exército que “prepare” uma ofensiva em Rafah. “Demos ordens às forças de defesa israelenses para preparar uma operação em Rafah, bem como em dois campos (de refugiados), os últimos redutos restantes do Hamas”, explicou Netanyahu em um pronunciamento transmitido pelas redes de televisão.

Uma nova rodada de negociações começará hoje no Cairo e contará com a mediação do Egito e de Catar. O objetivo é alcançar “um cessar-fogo, o fim da guerra e uma troca de prisioneiros”, informou um funcionário egípcio à AFP.

VENEZUELA

Comitiva de María Corina sofre ataque com paus e pedras

» RODRIGO CRAVEIRO

Durante ato político em Charalave, no departamento (estado) de Miranda, a comitiva da ex-deputada e líder da oposição María Corina Machado — que teve a candidatura presidente cassada pela Justiça da Venezuela — foi alvo de um grupo armado com paus e pedras. Vídeos divulgados nas redes sociais mostram assessores retirando María Corina do local, em meio à confusão; um integrante da comitiva aparece ensanguentado; e os carros da equipe da política têm os vidros estilhaçados. O homem que surge sangrando no vídeo seria Víctor Sandoval, membro do partido Vente Venezuela, na cidade de Cristóbal Rojas.

“Alerta internacional! Pelo visto, a única maneira que (Nicolás) Maduro pretende participar de uma eleição é pelas vias mais difíceis. Faço um alerta para o mundo sobre o violento ataque do qual fomos alvos. (...) Mais de uma centena de coletivos do regime atacaram, com paus e pedras, e feriram vários dos assistentes. A polícia, que estava presente com sua inação amparou os coletivos armados”, escreveu a própria María Corina, por meio da rede social X, o antigo Twitter.

Reprodução



María Corina (C) é retirada às pressas do local por assessores

O incidente transparece o nível de tensão na Venezuela meses antes das eleições presidenciais. Juan Guaidó, também líder da oposição que se autoproclamou presidente do país entre 2019 e 2022, também condenou o atentado. “Não pode haver impunidade para Maduro ante os contínuos ataques contra María Corina. É uma prática sistemática da ditadura, que os assinala como criminosos de lesa humanidade. A comunidade internacional deve fazê-lo responsável por esse

atentado”, escreveu Guaidó.

De acordo com o jornal *El Nacional*, simpatizantes do governo irromperam “violentamente” no local em que María Corina participava de um encontro com ativistas políticos e sociais de Charalave. O ex-prefeito de Caracas e ex-presença político Antonio Ledezma, hoje exilado em Madri, enviou ao **Correio** um vídeo com o registro do incidente. Uma multidão arremessava pedras e paus contra a equipe de María Corina. Nas imagens,

» Equador descriminaliza eutanásia

Por sete votos favoráveis, a Corte Constitucional do Equador autorizou a descriminalização da eutanásia no país. A decisão foi tomada a partir do caso de Paola Roldán, de 43 anos, que há três sofre de esclerose lateral amiotrófica (ELA) — enfermidade incurável e que pode levar à morte. Pela decisão, os médicos não serão punidos se autorizarem a medida em pacientes que estejam em sofrimento por uma doença incurável e escolham pelo fim da vida. Ao saber da decisão, Paola Roldán usou as redes sociais para se manifestar. “Várias vezes pensei que não conseguiria ver os frutos desse processo, como quem planta uma árvore para que mais alguém se sente sob sua sombra. Mas sobrevivi, e, agora quero ver se pelas veias deste país corre sangue de justiça e humanidade.”

assessores tentam proteger a política e fazem uma espécie de corredor para que ela consiga chegar ao carro. María Corina parece nervosa.

Por telefone, Ledezma — também coordenador do Conselho Político Internacional da campanha de María Corina — denunciou um “abuso da violência”. “Nesse tipo de violência, qualquer coisa pode ocorrer, incluindo uma desgraça internacional. É por isso que fazemos uma advertência à comunidade internacional. Não lançaram contra María Corina confetes nem flores. Lançaram pedras e objetos contundentes. Há feridos, veículos destruídos. Nós responsabilizamos

Maduro diretamente pelo que pode ocorrer com María Corina ou com qualquer cidadão que esteja lutando pela Venezuela”, afirmou à reportagem. Segundo ele, os responsáveis são os chamados coletivos, grupos armados “que têm licença para fazer o que tiverem vontade”.

“Tudo isso é parte do pânico que Maduro tem de María Corina Machado. Ele deseja retirá-la do terreno eleitoral. É importante que ela assumira todos os riscos e mantenha a rota eleitoral”, comentou Ledezma. Uma assessora da política confirmou que a ex-deputada não sofreu ferimentos.